

A distinta cantora italiana Lida Borelli
(Cliché Ch. Abenlacar)

II Série—N.º 432

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 1 de Junho de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SECULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguesas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e Impressão
RUA DO SECULO, 43



Trimestre..... 1800 cent.
Ano..... 6000 cent.

Semestre..... 2540 cent.
Numero avulso. 10 cent.

EU CURO A HERNIA

SEM O USO PERMANENTE DA FUNDA

Se V. está herniado ou conhece alguém que padeça da hernia, o meu método, de cura deve interessal-o. O meu método difere de todos os outros, no que não só contém toda a classe de hernias, em uma forma continua e segura com perfeita comodidade mas também faz tornar um novo tecido na abertura da hernia, unindo assim o fôlego roto, produzindo uma cura perfeita e permanente. Nenhum outro método fará o mesmo. Já tenho provado por varias vezes que o meu met do cura depois das operações cirurgicas tem fraccassado. Os meus pacientes curados tem-se exposto a exercicios fisicos mais rudes, os quaes submetido a cura. Nenhuma pessoa herniada é muito joven ou muito velha nem nenhuma hernia é tão grave que não tenha cura.



Entre os muitos que se tem curado encontram-se os Srs. D. E. Rodrigues de Lima, morador na Rua dos Marnozos, AVEIRO, Portugal, comerciante de 34 anos de idade, e o Sr. D. D. Luiz da Mata, ENFENHOUS (ilha Baixa) Portugal, um comerciante, que estava herniado havia 5 anos.

Não se demore V. a escrever-me quanto antes pedindo-me detalhes acerca do meu método e eu envolverei-lhe tambem uma amostra gratuita do meu medicamento franco de portes. Escreva-me já, antes que a sua hernia chegue ao estado de se estranguiar e que uma operação seja o unico meio (não certo) de sa var a sua vida. - Dr. Wm. S. RICE (S 825), 89, STONECUTTER ST., LONDRES, E. C., INGLATERRA.

Roses d'Orsay
Evoca o perfume da flor
40, D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

SAUDE, FORÇA, ENERGIA
Molestias dos Paizes quentes.
FERRO
QUEVENNE
CURA A
ANEMIA
FERRES, DEBILIDADE
Activo, agradável,
económico, inalteravel.
Lisboa - Salto de - "Union des Fabricants"

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROKANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME

Brouillard

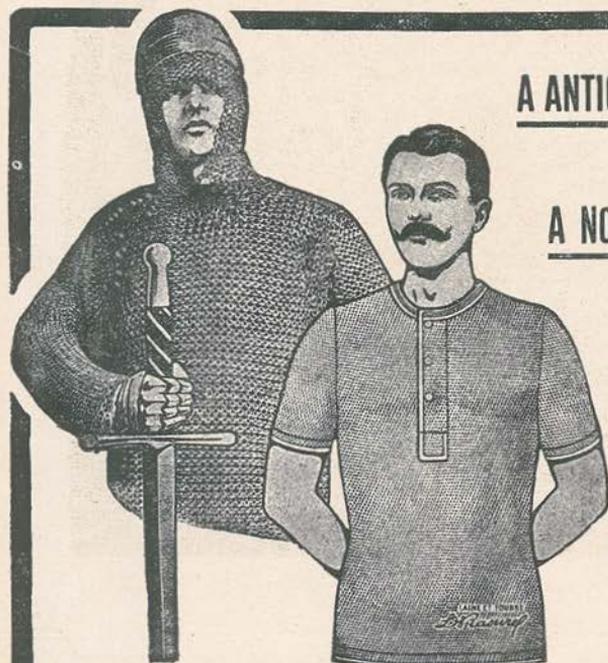


Iliz o passado e o presente e prevê o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em valletimos. Pelo estudo que fez das ciencias, quimicas, cronologia e histologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruse, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos, que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglés, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) - Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

A Fotografia das côres
com as placas

Autochromes LUMIÈRE

é mais simples e mais facil do que a fotografia a negro. Reprodução exata de todas as côres da natureza.



A ANTIGA COTA DE MALHA

Era uma armadura contra os golpes...

A NOVA CAMISOLA

DE MALHA

DO DOUTOR RASUREL

E' uma armadura contra os resfriados...

UNICOS DEPOSITARIOS:

LISBOA:

Casa Pitta & C.^a, 195, R. Augusta, 197

PORTO:

Casa "Paris no Porto"

144, R. Sá da Bandeira, 146

O melhor
para o cabelo
PETRÓLEO
GAL



A. Ehrmann



Encontrareis menos aspero
o caminho da vida!....

protegendo o
vosso organismo
contra a doença!



Todos os que trabalham nas cidades ou nos campos, homens, mulheres e crianças, todos vós que daes quotidianamente um esforço cerebral ou manual, aproveitae o momento em que estaes á mesa para limpar o vosso organismo e desembaraçal-o dos germens malignos que o envenenam. A melhor defeza assegura-se pela lavagem regular

do figado, da bexiga, dos rins, do estomago e dos intestinos que se opera tomando a cada refeição agua mineralisada com os

LITHINÉS do Doutor GUSTIN

Basta dissolver n'um litro de agua pura um pacote de Lithiné do Dr. Gustin para obter uma agua mineral deliciosa para beber, mesmo pura, que se mistura facilmente com todas as bebidas, e principalmente com o vinho, ao qual dá um gosto muito agradável.

12 pacotes fazem 12 litros de agua mineral por 400 réis, um pouco mais de 30 réis cada litro

Para evitar as contrafações grosseiras e inefficazes, que são por vezes oferecidas em resposta a um pedido de Lithiné do Dr. Gustin, é necessario exigir, sobre a caixa de folha e sobre cada um dos 12 pacotes que ela contém, o nome do Dr. Gustin, que lhes assegura a autenticidade, ao mesmo tempo que a eficacia terapeutica.

Os Lithinés do dr. Gustin vendem-se nas principaes farmacias, drogarias e boas mercearias, e no deposito geral:

JERONIMO MARTINS & FILHO, rua Garrett, 13 a 19 — LISBOA

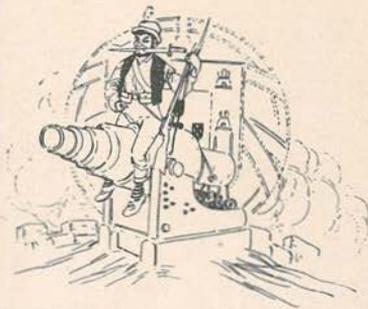
O novo Cardeal

No ultimo consistorio, Pio X proclamou Cardeal o sr. D. Antonio Mendes Belo. Com o nobre arcebispo de Toledo, com o culto bispo de Lyon, — foi elevado á mais alta dignidade da Igreja o Patriarca de Lisboa. Uma vez mais recobre os hombros d'um prelado portuguez a purpura em que resplandeceram a virtude do Cardeal D. Jaime e o talento do Cardeal Alpedrinha, a grandeza de D. João Cosme e a erudição de Frei Francisco de S. Luiz. Semelhante honra não a recebeu apenas o sr. D. Antonio Mendes Belo; recebeu-a Portugal, na pessoa d'uma das mais nobres figuras do alto clero. Assim o compreendeu o sr. Presidente do Ministerio, cumprimentando no paço de Sant'Ana o novo Cardeal.

O facto de se encontrar o Estado separado da Igreja, não exclue o respeito que mutuamente se devem, no seu tratamento reciproco, a Igreja e o Estado.

O exercito

O sr. general Pereira d'Eça acaba de apresentar ao Parlamento uma proposta de lei autorisando um empréstimo de 35 mil contos destinado á aquisição de material de guerra para dotação de seis divisões. Os exercitos são males necessarios. A propria guerra, disse-o Montaigne, — «c'es un effort universel vers la paix». Se a proposta apresentada, que tem por si a consciencia nacional, se converter em lei do paiz, a nação armar-se-ha, e Portugal, em horas eventuaes de perigo, encontrará, finalmente, um exercito. Não um exercito capaz de apoiar ambições de imperialismo e de conquista, mas um exercito como o da Suissa, sufficiente para assegurar a dignidade da paz.



Ministro dos Estrangeiros

O sr. Freire d'Andrade, aceitando a pasta dos negocios estrangeiros, prestou um alto serviço á nação.

N'um momento em que o aspecto colonial constitue a mais delicada preocupação das nossas relações exteriores, o novo Ministro traz para a gerencia dos negocios da sua pasta valores de competencia e elementos de prestigio pessoal nos grandes centros colonias, que de certo contribuirão para facilitar a solução honrosa de muitos problemas do governo. O comandante do quadrado heroico de Magul pertence a uma categoria de homens que acima das fluctuações e dos acasos das instituições politicas, põem a nobre e justa ambição de bem servir o seu paiz.



Livros de creanças

Em Portugal não se sabe fazer livros para creanças. O livro infantil tem de ser leve como um brinquedo e simples como uma lição. Deve trasbordar de alegria, de cor, de ritmo, de graça, — de beleza. E' preciso educar a creança no amor e no culto da arte. Como a imageria fixa tem o seu logar nas paredes da Escola, a imagem ambulante vive, sobre tudo, no caderno escolar e no livro. O livro é para a creança um pequenino mundo, — que nós temos o dever de tornar gracioso, atraente e belo. Assim o entendeu a sr.ª D. Emilia Sousa Costa, entregando os seus contos infantis, d'um tão ingenuo e carinhoso encanto, ao talento do ilustrador sr. Hipolito Colomb. Que lh'o agradeça o sorriso de todas as creanças portuguezas.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Hipolito Colomb).

AMOR TRAGICO



Marcelina saiu do pardiêro em que vivia com o pae quando ia já alta e deserta a noite silenciosa e fria de setembro. Caminhava apressadamente, apertando contra o peito uma trouxa que escondera nas dobras do grande chaile de lã, dirigindo-se para os lados da montanha. A vaga luminosidade das estrelas destacavam-se, como grandes e inertes massas de sombra, as muralhas da rocha nua que o inverno em breve cobriria da resplandecente alvura das neves e poi onde, nas horas de tempestade, referveria em cachões a agua violenta das torrentes.

Enormes pedregulhos sugerindo formidáveis osaturas de gigantes fulminados, curvavam-se sobre as estreitas carreiras que na base das serranias se coleavam como cobras assustadas. Estevas agrestes e tojaes espinhosos espirravam das fendas das penhas e espalhavam no ar ligeiro que circulava o cheiro acre das verduras silvestres e das seivas novas. O momento era silencioso e povoado de incertezas e de terrores supersticiosos. Não bolia uma folha, não corria um murmúrio mais vivo de aragem.

Marcelina expiava cautelosamente os galgões do terreno, os angulos graníticos, espreitava as gargantas escancaradas e negras da serra, talvez com medo de ser consciente que a seguissem na sua misteriosa jornada noturna. A's vezes, tomada de subito pavor, detinha-se por instantes. O seio arfava-lhe com violencia: e então, a trouxa mole que levava nos braços mexia debilmente, saindo dela gemidos abafados.

— Cala-te, cala-te!... — suplicava Marcelina em voz baixa, no receio de que a escutassem, e embalando-a docemente como se quizesse adormecer alguém. — Cala-te, que me perdes!...

Esboçava um movimento indeciso, voltava-se, hesitante; mas, recuperada a serenidade, continuava a marcha, ofegante, sobressaltada, contendo a respiração. O sangue pulsava mais aceleradamente nas suas veias.

Dá a instantes, tornava a parar, irresoluta, espectral, entre as agulhas dos rochedos que se elevavam na escuridão da atmosfera como as torres goticas duma catedral fantástica de sonho.

— Cala-te, Diabo!... Mas cala-te, não me atormentes! — bradava afitivamente, exasperada, transida de susto.

No céu negro como um veludo funebre picado de pontos luminosos, havia uma dubia cintila-

ção estrelar. A natureza parecia mergulhada n'um profundo, letargico sono, tanta era a paz que a envolvia. Apenas de onde a onde as levadas, precipitando-se n'uma furia sobre as rodas de madeira das azenhas, quebravam a monotonia ambiente e a solidude — uma solidude agoureira feita de temor, de angustia, de duvida. No fundo dos montes escarpados, lá muito em baixo, abriam-se algares e carcavões, branqueava fracamente a espuma de um rio que nos mezes hostis de chuva engrossava e rouquejava raivosamente, redemoinhando, alagando as terras planas da margem e carreando no turbilhão da corrente para o mar as vegetações arrancadas, troncos de arvores, madeiramentos dos casebres destruidos, o gado morto que as tormentas colhiam de improviso nas pastagens, quando o trovão rolava pelas quebradas serranas e o raio, desenrolando fitas de luz violacea e listrando as nuvens de fulgores momentaneos, lascava, rachava as pedras.

Ao chegar ao ponto mais largo do rio, Marcelina, arquejante da caminhada, pousou a trouxa sobre as relvas humidas de orvalho, sentou-se e apertando a fronte, que latejava, nas mãos tremulas, caiu em demorada meditação. A solidude era absoluta. Só de longe a longe se descortinava um ou outro pobre casal de moleiros ou de cavadores e uma ou outra cabana de pegureiros em que agonisava alguma luz, bruxuleante e triste de azeite — luz que morria na noite lugubre como uma tenue radiação de ouro que se dissolve.

Uma pequenina mão rosada rompera da trouxa, agitando-se convulsamente, e um choro entrecortado chamou Marcelina á realidade das coisas.

— Cala-te, filho! — murmurou ela brandamente.

E desfazendo os trapos enrolados á volta de um corpinho tenro de creança recém-nascida, pegou-lhe ao colo, encostou-o amorosamente ao seio farto e pejado de leite, aqueceu-o com o seu bafo morno, exclamando com infinita meiguice:

— Perdoa-me, meu amor, perdoa-me!... Mas é preciso que morras, para me pouparem á vergonha e á desgraça!

Enquanto a amamentava pela ultima vez, Marcelina relembrava os dias do seu passado idílio, que tinham sido de confiança, de alegria intima, de ternura. Na sua mocidade vicejavam rosas, no seu amor reluziam astros. Para ela a existencia iluminava-se de toda a beleza e de toda a graça, doutrava-se de toda a illusão. N'esses tempos, que nunca mais voltariam — nunca mais! — Antonio queria-lhe com uma constancia e uma lealdade de que ainda agora experimentava a doçura: e ela, ingenuamente, escutava as suas palavras, acreditava nos seus juramentos, venturosa por sabel-o feliz, cobrindo-lhe a face de beijos, estreitando-o n'um abraço alvorçado para que ele jámais fugisse á sua adoração e ao seu contentamento. Ti-

nha-o conhecido na romaria da Senhora das Dóres, n'um domingo de sol e de festa, com danças pelos adros e guitarradas românticas pelos caminhos, entre sebes que a madresilva perfumava:— e foi uma perdição. Antonio era o melhor tangeador de viola da sua aldeia, o cantador mais inspirado nos «desafios». Alto, espadaúdo, forte, musculoso, com uma tinta morena no rosto, uma sombra azulada de barba na face, uns grandes olhos pretos e expressivos, fazia delirar de paixão as adolescentes que a sua figura viril atraía.

O namoro começou então e foi o suave enlevo de Marcelina durante longos mezes. Antonio vinha falar-lhe de noite, á porta do quinteiro, quando a lide exterior socegava e a tranquillidade descia sobre os campos. Para vê-la, vinha de longe, através de atalhos, de barrocaes, de boças de pinheiros densos ramalhando ao vento, afrontava destemidamente todos os perigos, embrulhado no gabão e a fouce ás costas: e esta coragem mais cativava o coração da confiante rapariga, que se demorava com ele horas esquecidas, fazendo projetos que nunca teriam de realisar-se, idealizando um futuro de encanto e de felicidade que tão amargamente lhe mentiu. Muito bem se lembrava de que certo dia, o pae, o velho Matias Caseiro, já conhecedor do seu derriço, fitando-a com seriedade, lhe dissera muito austero:

—Ouve lá:—eu sei que tens aí um namoro. Não me importa que te divirtas. Estás na idade, e todos teem de pagar a sua dívida. Mas toma tento!...

—Oh! senhor pae, que lembrança!...

—Toma tento, digo-t'o eu! Estas barbas—e arrepelava as suissas mal tratadas que embranqueciam—foram sempre honradas até hoje. Quem as desonrar morre!

E com um brilho sinistro no olhar, retesando a musculatura, o velho Matias concluiu:

—Morre, que o malo eu com estas mãos que a terra ha de comer. Isso é que nem Deus nem o Diabo lhe acode!

Marcelina nunca mais esqueceu esta dura ameaça e a extranha fisionomia do pae, torcida nas convulsões da colera, aspera, selvagem. Ele falara-lhe n'um tom que não admitia suspeitas. Se tivesse uma fraqueza, Mãe Santíssima, não poderia contar com o perdão d'aquelle homem severo, que punha a sua dignidade e a dignidade da familia acima de tudo e que a mataria para com o seu sangue quente e vermelho lavar as nodoas que manchassem a sua honra de camponez!

Antonio, porém, parecia-lhe tão sincero, tão devotado! Jamais, ao conversar com ele, nas horas serenas e solitarias em que a treva descia sobre a povoação, envolvendo-a de misterio, ou em que a lua ascendia n'um ceu de gloria como um branco lirio de luz que abrisse esplendidamente nas alturas, teve o presentimento de uma traição: e era no seu peito onde Marcelina se acolhia, rendida, entregando-se-lhe sem resistencia, dando-se inteiramente áquele amor que a fazia sofrer e que constituía, no entanto, a unica doce ventura do seu ser de mulher. A's vezes, cheia de mimo como uma convalescente, queixava-se pousando a sua cabeça no hombro d' Antonio:

—Se tu agora me deixasses, estava perdida para sempre!

—Eu deixar-te? O' tola!...

—Mas eu dava cabo de mim, podes crer!... —continuava Marcelina, olhando-o comovida na tranquillidade de espirito de que os protestos de Antonio a fortaleciam.

—Estás maluca! Quem fala aqui em morrer?

Vae mas é cuidando dos teus arranjos para o nosso casamento.

—Pois tu queres-me, Antonio? Tu casas comigo?—perguntava ela com um riso de grande suavidade florindo no cravo escarlate da boca.

—Então não havia de casar? Tu que julgavas?

—Eu, a bem dizer, não julgava outro fim!...

Uma noite, porém, Marcelina, esperando Antonio n'uma grande inquietação, confessou-lhe que estava grávida: e, quando esperava um puro beijo de reconhecimento pelo enlevo d'aquella maternidade que lhe oferecia, viu-o empalidecer, exclamando grosseiramente:

—Estás grávida?... O' diabo! Isso é que é um contratempo!...

—Contratempo porquê, Antonio?—interrogou Marcelina desfalecida. Não vamos nós casar como tu tantas vezes prometeste?

—E' certo!

—Então, é apressar as coisas!

—Está claro. Vamos apressar as coisas!...

—E anda ligeiro, meu homem, porque se meu pae sabe, tira-me a vida e a ti tambem!

—A mim?—bradou, encolhendo desdenhosamente os hombros. Não sou frango a quem se torça o pescoço com essa facilidade. Partia-o d'alto a baixo!

—Pois tu!...

—Quem me pozer a mão ha de encontrar forma do seu pé. Deixa vir o Ferrabraz...

—E' meu pae, Antonio! Criou-me desde pequenina com tamanho amor, que se lhe arrazavam os olhos de agua quando me tinha nos braços!...

Ele, caindo em si e arrependendo-se da brutalidade, acudiu, desculpendo-se:

—Isto é um modo de dizer. Não precisaremos de jogar as do cabo, porque o nosso casamento será d'aqui a dias.

Passaram, porém, as semanas e os meses, e Antonio não cumpria as suas promessas. Começou até a procurar Marcelina mais irregularmente, faltando algumas noites, mostrando-se preocupado, emudecendo em longos, inexplicaveis silencios, quando ela, enleando-lhe o pescoço n'um abraço, implorava com lagrimas e soluços abafados:

—Salva-me, Antonio! Acode-me, meu homem, pela felicidade de teu filho que ha de nascer, porque já mal posso encobrir a minha falta e na aldeia começam a desconfiar. Tem pena de mim, meu amor!...

—Ora essa!... Eu disse-te alguma vez que não?

—Não disseste!

—Pois espera! Não se arranja tudo d'um dia para o outro. E' necessario dar tempo ao tempo!

Por fim deixou de aparecer á porta do quinteiro, perto das romanzeiras onde nas tardes de junho assobiavam os melros, e Marcelina soube que elle tinha embarcado para o Brazil, fugindo-lhe para sempre.

—Matae-me, minha Mãe Celeste!—exclamou ela, esondendo-se, com a sua dor, no compartimento em que, no pardiêiro, dormia. Matae-me antes que meu pae conheça esta vergonha!...

D'esse momento em diante, Marcelina levava as noites e os dias no aflitivo pavor de que o velho descobrisse o seu segredo. Para disfarçar a gravidez, apertava o ventre fucundo com faixas, escondia-se, fugia do convívio das outras raparigas, isolava-se de toda a gente: e se tinha de ir para o agreste mourear das lavouras, cortava por congostras e azinhagas pouco frequentadas, esforçava-se por mascarar a sua melancolia, transformava, cantando, as suas maguas em júbilos. Nos momentos em que estava só com o pae em casa, mi-

rava-o de revez, n'um permanente alvoroço, pensando:

— Ele mata-me! Se descobre a minha miséria, mata-me, como a um cão. Ninguém me livrará!...

Metia-se no quarto, com os trabalhos da costura, ruminando o seu infortunio, clamando pela morte, que tanto tardava a vir redimil-a d'uma punição que não merecera, d'um crime para que só o seu exaltado amor a impelira.

— Quando acabará esta tortura meu Deus? Vão tantas pessoas que fazem falta, e eu continuo n'este inferno!

Uma noite, deitou-se cansada e adormeceu: mas, volvido pouco tempo, despertou alanceada por uma dôr estranha—uma dôr como nunca experimentara. Sentou-se de salto na cama, com os olhos muito abertos, torcendo-se, mordendo a roupa para reprimir os gritos.

nos farrapos que encontrou, cobriu-o com o chaile que tirou de cima de uma arca de pinho, e saiu sem fazer ruído, pé ante pé, em direção á montanha. Cambaleava, mas galvanisava-a uma prodigiosa energia. A ideia de sumir a prova da sua desonra atravessara-lhe de repente o cerebro como um clarão. Mais um sacrificio, e estaria salva!

Eram estes episodios inteiramente dramaticos, que Marcelina relembrava, ao amamentar o filho, que ainda não vivera e que tão ancianamente principiava a sofrer dos irremediaveis males da vida! Ao tiral-o do seio, teve o um momento nos braços, contemplando-o com os olhos turvados de pranto. No alto, luzia uma estrela que derramava uma tenue claridade.

— Meu amor, perdôa-me!... — exclamou ela. Deus oem sabe que não sou má!... Mas não tenho for-



— E' agora!— monologou. E para aqui estou, só, abandonada de todos! Valei-me, Jesus!

Um suor frio molhava-me os cabelos que se empastavam na testa. Enclavilhava os dedos no cobertor, afogava os gemidos no travesseiro, para que o pae não acordasse e viesse esganal-a, com as suas rudes mãos de cavador, vociferando pragas, cuspidno-lhe blasfemias na face palida. Quando a crise abrandava, Marcelina, que não acendera luz para não se denunciar, apurava o ouvido no intuito de surpreender ruído de passos. Depois, espicçada pelo padecimento, voltava a colar a boca ao cobertor, para que não escapasse o menor queixume. Ao fim de algumas horas de padecimento, nasceu-lhe um filho. Nem sequer lhe vira o rosto. Apenas sentiu nas suas mãos uma carne mole, gelatinosa, que lhe causava piedade. Levantou-se vagarosamente, pousando a criança no leito: vestiu-se ás apalpadelas, embrulhou o corpo

ças para me apresentar contigo deante de teu avô! Ele é capaz de nos matar a ambos!... Perdôa-me...

Beijou-o demoradamente na testa, como se quizesse que esse beijo purificasse o seu ato tragicamente criminoso: e, levantando-se, ergueu os braços e atirou o filho ao rio, desvairada. Esteve um minuto curvada sobre as aguas, que em baixo rugiam. A alma apertava-se-lhe de aflição por aquele assassinato. Como ela queria a seu filho, agora que já o não tinha encostado ao seio! Tudo para Marcelina acabara: o seu amor de esposa, a sua abnegação de mãe!

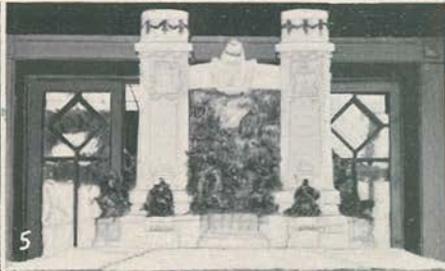
— Tambem eu vou, meu amor, tambem eu vou! Que fico a fazer, tão só, neste mundo?

E dum salto, atirou-se á corrente, afogando-se.

Exposição de Belas Artes

Uma das secções mais interessantes da exposição de Belas Artes é, sem duvida, a d'escultura na qual se apresentam tra-

A escultura está instalada a meio do grande «hall» fazendo a boa disposição da luz resair o valor dos im-



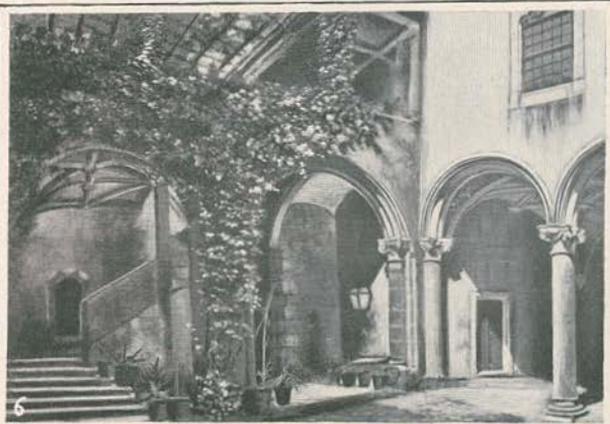
balhos de valor a marcarem como em Portugal se cultiva com esmero essa arte e como o publico corresponde ás faculdades dos artistas.

São os bustos que mais chamam as atenções, havendo n'esse genero belas obras de Costa Mota, Simões d'Almeida Sobrinho, Artur Prat, Julio Vaz e outros.

Ha na exposição umas estatuetas encantadores do sr. Ernesto doCanto e que prendem as atenções assim como outros trabalhos da mesma importancia

portantes trabalhos que um publico numeroso e escolhido tem visitado, adquirindo algumas das mais belas obras expostas.

Notou-se que falhavam na exposição este ano os caricaturistas que naturalmente se dispõem a fazer, como de costume, o certamen dos seus trabalhos, unindo-se assim e formando o «Salão dos Humoristas».



1. Canto e Castro: «Dar de comer a quem tem fome». 2. Henrique Moreira: «Filhos da Rua». 3. D. Ada Cunha: «Garoto de Jornaes». 4. Ernesto do Canto: «Estatueta». 5. «Maquete do monumento ao Marquez de Pombal». Simões d'Almeida Sobrinho («Cliché» Benoitte). 6. Quadro de Bazalls: «Palacio do Marquez de Pombal em Cintra»

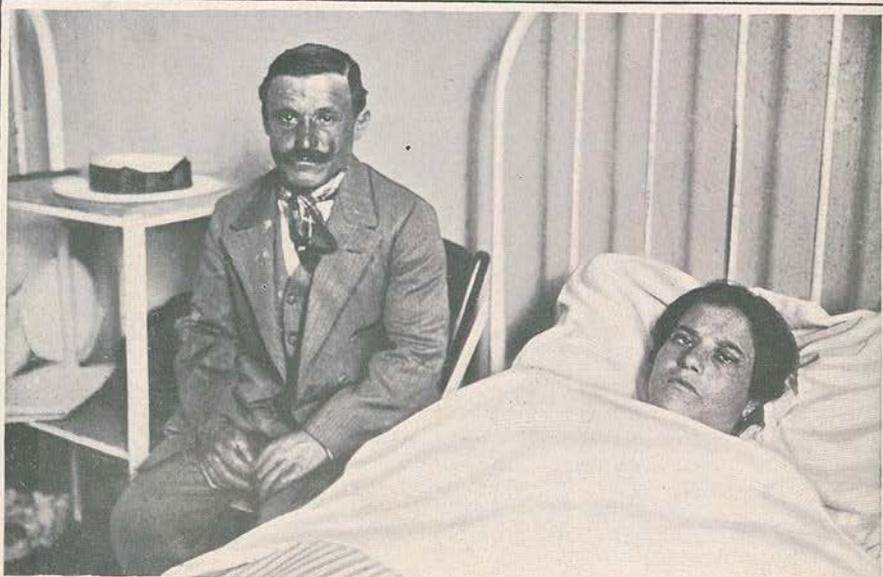
UMA EXTRANHA FECUNDIDADE

O «seculo» de 16 de maio publicava o seguinte telegrama: ROMA, 15.—Telegrafam de Palermo ter-se alludado um caso de fecundidade pouco vulgar e tanto mais notavel quanto e certo produzir-se sem complicacões nem consequencias graves. Eis o relato do fenomeno:

Rosa Salemi, modista, de quarenta anos, achando-se pelada de sete mezes, deu hontem à noite um menino à luz sem auxillo de ninguem. Apòs o parto, sentindo-se muito incomodada, mandou chamar a parteira, com cujo auxillo deu à luz duas meninas. Verificou-se, por'm, a

dos são viaveis e robustos e a mãe, embora as sombrada por aquele inesperado rancho de filhos, que veem reunir-se a seix que já tinha, dois dos quaes gêmeos, encontra-se perfeitamente.»

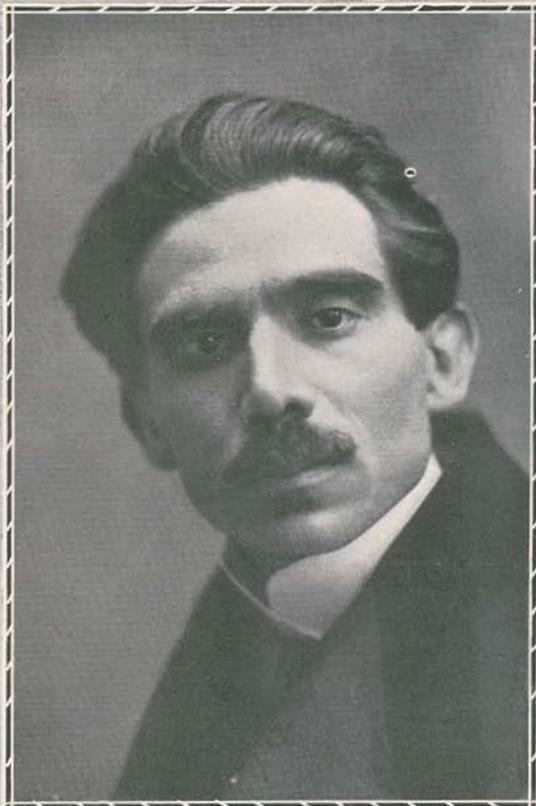
Dian'e d'esta extranha fecundidade que não tem exemplo conhecido, o marido da parturiente n'um grande desespero increpava-a como se ella fosse culpada d'essa anormalidade de dar à luz cinco creanças do mesmo parto. E a mulher, ao vêr os poquentos, passada a



1. A parturiente Rosa Salemi, de Palermo, e seu esposo. 2. As cinco creanças recém-nascidas.
(Clíchês de De.Jus)

existencia de mais creanças n'aquelle fecundo ventre e Rosa Salemi foi conduzida por seu marido e pela parteira a uma clinica, onde nasceram outros dois meninos! O marido da parturiente perdeu então a serenidade e acometeram-no convulsões furiosas, que exigiram intervenção medica. Todos os recém-nasci-

sua tortura, sorria a todos enternecida e igualmente com os seus labios de mãe, sentindo talvez apenas o desespero de não poder dar a todos os filhos o seu seio. E' que o homem mais facilmente vê a luta que vae travar para os sustentar e educar e ella apenas o seu amor.



O MEU RELOGIO

O meu relógio, Amôr, ficou contigo,
Fechado, contra o seio, em tua mão:
Batendo, como bate um coração
De encontro a um doce coração amigo.

E o tempo vò, passa. E quero, em vão,
Medir o tempo fugitivo e antigo...
— As minhas horas não estão comigo:
Fugiram-me, e não sei onde elas vão!

As minhas horas, onde estarão elas?
Talvez no espaço, aos beijos às estrelas
Que, beijando-as, também me estão beijando.

Guardaste o meu relógio no teu seio:
E o tempo não é tempo,—é fôgo, aneio
Das horas que hão de vir, nem eu sei quando...

(Do livro «Os teus sonetos» por Antonio Corrêa d'Oliveira, recentemente publicado.)

A CATASTROFE DO ETNA

Infeliz terra a da Sicilia!

Quando em Italia os vendedores de jornaes, em grita desordenada, anunciavam « O terramoto da Sicilia » ou, melhor, mais uma terrivel erupção do

Mas a Sicilia tem o 'Etna, com as suas formidaveis gargantas de fogo e os seus caracteristicos e tragicos rugidos subterraneos.



A linda e pitoresca povoação de Lìnera reduzida a um montão de ruínas. A povoação de Lìnera foi a que mais sofreu com o terramoto e onde foi mais elevado o numero de vítimas.

Etna, a impressão, como era natural, foi enorme.

Emquanto os jornaes eram febrilmente arrebatados das mãos dos vendedores, o publico, ignorando ainda os pormenores da catastrophe, dizia com desespero:— «infeliz terra a da Sicilia!» E comtudo—circunstancia deveras curiosa!—a Sicilia é uma terra bem feliz.

A natureza, ao dotar a formosissima ilha, patria de heroes, de poetas e de artistas de fama universal, marcados indelevelmente nas paginas douradas da Humanidade, foi prodiga! Tudo o que a natureza cria de belo e exuberante ali nasce, se desenvolve e floresce e a tal ponto que a Sicilia, já no tempo dos romanos denominada «Jardim da Europa» e «Celeiro da Italia», é um dos anteriores paraizos do mundo.

E' certo. Entretanto, as populações espalhadas pelas faldas da pitoresca montanha em que se ergue, ameaçador, o vulcão, por uma singular coincidencia, não lhe querem mal!

Na sua doce ingenuidade ou, melhor, na sua encantadora simplicidade campezina, essas popu-

lações chamam ao Etna — «a Montanha» e consideram-na quasi um amigo fiel, pois as livra 'dos ventos, lhes fertilisa as terras e, durante o inverno, como que as acaricia, não deixando passar a tempestade que se avista e ribomba ao longe e, se avançasse, lhes destruiria as colheitas já prometedoras e as cearas vergando ao peso das loiras espigas—o pão nosso de cada dia...



Destruída uma igreja, preparou-se um altar em plena rua com os quadros e objetos encontrados entre as ruínas.

O Etna não é olhado na Sicília—esta é a verdade—como um inimigo, como um instrumento de morte.

o Ceo, a orar, a implorar e a dizer baixinho:—“foi um castigo de Deus!” E’ a fé no perdão definitivo para sem-

Não! As populações, cheias de unção religiosa, d’um fanatismo inconsciente, quando o Etna vomita lava e «chove» cinzas, confiam sempre que a Virgem hade, por fim, salvá-os misericordiosamente da iminencia do perigo, e se o perigo se transforma, como agora sucedeu, em dura realidade se o Etna espalha o luto e a dôr, as populações,

com aquela doce ingenuidade a que já nos referimos, limitam-se a erguer, constrictas, as mãos para

nas profecias dos sabios, os quaes, fundados, não nos mais que problematicos milagres da Virgem,

pre, que lhes incute ainda a coragem precisa para depois da catastrophe; regressarem, com a agonia no coração mas resignadamente, a suas casas... se é que ainda as encontraram de pé!

A superstição religiosa na Sicília é extraordinaria, enorme; e foi ela que, ainda agora, levou as populações da zona atingida pela terrivel erupção a não acreditarem



O sino da igreja matriz fixado provisoriamente diante da igreja em ruínas.



Nos escombros. («Clichés» Déllus)

mas em maravilhosos calculos e rigorosas observações scientificas, afirmavam, já bastantes dias antes

tração», reproduzindo com exatidão escrupulosa, aspétos d'algumas povoações, onde o terramo-



da catastrophe, que o Etna não dormia e, ao contrario, se preparava para mostrar de novo, abrindo a sua cratera enorme, a sua lugubre atividade...

De facto — e o «Seculo» tambem o relatou — os sabios apontavam aquela zona como o provavel epicentro de um proximo fenomeno sismico, que por fim se verificou e bem tristemente.

Descrever as consequências do irreparavel desastre, que custou a vida a centenas de familias, reduzindo-as á mais atroz miseria depois de lhes lançar, impiedosamente, o luto e a dôr no coração, é tarefa que não cabe nas paginas da «Ilustração Portnugeza.»

A «reportage» fotografica da «Ilus-

to mais estragos causou, dispensa todo e qualquer comentario...



1. Um aspéto da derrocada. 2. A celebração da missa ao ar livre em Venerina. («Clichés» Delius)

Os leitores, que já conhecem o que foi a recente erupção do Etna pelo relato dos jornaes diários, imaginarão, de certo, ao fixar as gravuras que inserimos, o espetáculo que

hoje um montão de ruínas, tornando-se quasi impossível, a quem nunca a vizitou antes da catastrofe, reconstitui-la.

A «Ilustração Portuguesa», enviando á Italia



1. Os escombros em Mortara.
2. Acampamento provisório em Mortara. («Clichês» Branger)

o Etna, implacavel como sempre na sua obra de terrível destruição, preparou a muitas das mais ridentes localidades, que lhe estão vizinhas. Em Acireale a destruição foi pavorosa. Esta cidadezinha de 1.000 habitantes é

a expressão da sua simpatia, perante uma dôr que a todas as nações iguala, associa-se ao seu luto.

Infeliz terra a da Sicilia!

·E. G.

As ultimas modas em Paris



As «toilettes» apresentadas em Longchamps quando da visita dos soberanos dinamarquezes :
 1. A parte detraz da sala do passado tornada moda.—2. A sala do passado feita moda.
 3. Belas «toilettes» chics.—4. O regresso à sala de folhinhos.

(«Clichés» Dellus).

A festa das cruces em Barcelos



A festa das Cruces em Barcelos é tradicional. Vae gente de muito longe assistir a esses folguedos em que o povo toma parte alegremente. Do Porto, sobretudo, costumam ir excursionistas em grande numero gosar na fidalgidade essa alegria que teem todas as romarias do norte. Faz-se ali uma feira importante na qual se transaciona em grande escala, o que foi sempre o fundo das festas e mercados anuaes por to-



1. Carro imitando um pato pertencente ás meninas Araujo e Correia.

2. Carro do repólio: Joaquim Vieira Gomes da Costa, Antonio Ribeiro Mira e as meninas Rosa de Jesus Leiria Bandeira, e Maria Branca Valongo. 3. Carro de alchoifras, no qual estão as «mesdemoiselles» Maria Gloria Vieira, Violeta Banha, Deolinda Paula Torres e Joaquim da Cunha Vieira.



bro a Barcelos, na qual tomaram parte muitas senhoras.

Um dos mais belos atrativos d'aquela foi, além do arraial com esplendidas iluminações á moda do Minho, o fogo de artifício que consegue sempre agradar áquele povo do norte, o ponto do paiz onde ele se fabrica com mais arte.

todo o paiz desde tempos immoriaes.

Este ano essa concorrência de forasteiros, segundo contam os jornaes, foi extraordinaria, despejando sucessivamente os comboios ranchos que vinham de muitas leguas em redor.

A Associação Catolica Portuense, em cuja sede se reunira um congresso, pro-noveu tambem uma excursão dos seus mem-



1. Na festa das Cruzes em Barcelos: A feira.—2. A comissão organisadora da excursão catolica.—3. A excursão da Juventude Catolica do Porto a Barcelos: A entrada da villa.

(«Clíchés» Alvaro Martins).

O congresso internacional feminista de Roma

*A mulher na casa, no trabalho, nas obras de assistência e previdência social.
A mulher-padre.*

Com este artigo não pretendemos fazer a «repor-tage» ou a crítica do «Congresso Internacional Feminista de Roma», que se realizou agora, sob a presidência de lady Alberden, vice-rainha da Irlanda, com grande entusiasmo... e com ordem; pretendemos tão somente recolher «impressões» que nos pareceram dignas de ligeiras referências na «Ilustração Portuguesa» e que mais poderão interessar as suas amáveis leitoras.

Principiaremos, pois, por dizer-lhes que n'este Congresso estiveram representadas 23 nações (entre elas Portugal) e que a opinião publica, em Italia, recebeu com simpatia as resoluções do mesmo Congresso, ás quaes faltou a nota irritante da «guerra ao homem», muito vulgar n'outras reuniões do movimento feminista internacional.

Efetivamente, para corrigir quaesquer excessos da parte d'algumas feministas mais irascíveis e «radicaes», a ilustre condessa Spalletti-Rasponi, presidente do «Conselho Nacional das Mulheres Italianas» declarou que «o feminismo não é um movimento contra o homem»; que é como o definiu Emile Faquet, «uma insurreição da mulher contra os defeitos naturaes da mulher—defeitos que os homens, consciante ou inconscientemente, ha muitos seculos cultivam e desenvolvem n'ela». E acrescentou ainda para melhor se explicar: «é já ocioso discutir a superioridade do homem sobre a mulher. O seu espirito é diferente; e é esse o motivo porque a colaboração da mulher é necessaria na familia e na sociedade». E concluiu resolutamente a ilustre dama: «o movimento feminista é, acima de tudo, um movimento de verdade e de sinceridade. A politica é estranha ao movimento feminista, o qual, depois d'um periodo de transição, facultará á mulher instruida o reconhecimento dos direitos que ella mereça; o feminismo só pretende uma divisão racional do trabalho, não, como até aqui, fundada no sexo, mas na capacidade. Quando o fe-

minismo atingir tal «desideratum», a mulher compreenderá a vantagem que tem em reentrar nos limites da actividade puramente domestica... e então ella decidirá». A opinião publica em Italia recebeu, repetimos, com simpatia, as resoluções do Congresso, porque observou não haver semelhança entre as «feministas de Roma» e as famosas «sufragistas» de Londres, que não sabemos bem como classificar...

Assim, por exemplo, em quanto as «sufragistas», n'um delirio revolucionario «sui generis», se exultorizam para alcançar o «direito de voto», esbofetando ministros, incendiando palacios e golpeando valiosissimos quadros, as «feministas de Roma» prestigiam-se, tratando não só de problemas sociaes interessantissimos, mas tambem altamente moralisadores — e embora como as ferozes aventureiras e desordeiras de Hyde-Park, queiram alcançar o «direito de voto».

A nobre condessa Spalletti-Raponi, na sua brilhante alocação, como presidente do «Conselho Nacional das Mulheres Italianas», não se esqueceu de dizer:

«O direito de voto será concedido n'um futuro não distante ás mulheres dos paizes latinos; mas nós não devemos desejar tal direito antes da mulher estar em condições intellectuaes de o exercer conscientemente. O periodo

actual é, para a Italia, um «periodo de preparação». Nós combatemos pelo futuro, para que as mulheres da nossa geração sejam capazes de corresponder ás exigencias da vida moderna».

No Congresso Internacional de Roma ouvimos varias «delegadas» exporem, com admiravel lucidez e delicada ironia, o que pensaram acerca da «missão da mulher», seja no seio da familia, como esposa e mãe, seja no campo vastissimo e complexo de toda a actividade scientifica, industrial, artistica, etc.; emfim em toda a parte onde ella pôde e deve defrontar-se com o homem para o

co-adjuvor ou substituir com vantagem. O Congresso animou-se imenso quando, por exem-



A mulher-padre, mistress Ana Schaw dos Estados Unidos



Algumas congressistas depois d'uma das sessões

var ou substituir com vantagem. O Congresso animou-se imenso quando, por exem-



1. Delegadas de vários países. Da direita para a esquerda: mistress Kingsbury, Holanda; A. Salomon, Alemanha; Klara Homberger, Suíça; Walter Barrett, Estados Unidos; Gina Kroeg, da Noruega; Torrington, do Canadá; Léonie La Fontaine, Bélgica; O Gordon, Dinamarca; O. Rosenberg, Hungria; Lady Aberdeen, presidente internacional. 2. Outro grupo de delegadas ao Congresso: M. Hainlich, condessa Aberdeen, condessa Spalletti, G. Gouton, W. E. Sanford, Wright Sewal, Alice Salomon.



3. A condessa Aberdeen, vice rainha da Irlanda, presidente internacional do Congresso. (1) Mistress Torrington (2) delegada do Canadá. 4. Outro grupo de delegadas ao Congresso.—5. Outro grupo de Congressistas: Mistress W. E. Sanford, Noruega; mistress Dobson, Au-trália; a reverenda Howard Shaw, Estados Unidos; Ellen Terzerus, Alemanha; Brogthton, Melegri, Itália; Wright Sewall Victoria Austrália, Hmi Halsten, Finlândia.



plo, se discutiu o «direito de voto» e a «equiparação dos direitos do pai e da mãe quanto à tutela dos filhos» e quando foi abordado, com a chamada delicadeza própria dos melhores espíritos, o problema da «mulher superflua» e que se enuncia assim: «a dificuldade de encontrar marido».

Este problema, como era natural, causou enorme sensação e foi estudado com as reservas de estilo... Congressistas houve que desculparam a indiferença dos

homens perante o sexo frágil com singular isenção; e congressistas houve que se revoltaram, indignadas e ofendidas, contra tal indiferença — sentenciou solene, uma das mais indignadas e ofendidas — «causa direta da devassidão dos costumes e da decadência da raça».

Não obstante, uma loira «miss» conseguiu conciliar um pouco as opiniões divergentes acerca da terrível indiferença dos homens perante o sexo fraco, indiferença que, em Portugal, felizmente, se não manifesta ainda

— poderia talvez observar a «delegada» do nosso país...

Fundando-se n'algumas estatísticas demográficas da sua pátria — a Inglaterra — estatísticas aliás já divulgadas pela «Nineteenth Century and After», n'um maravilhoso artigo de propaganda feminista; a loira «miss» provou que o número das mulheres novas, «na impossibilidade de encontrar marido» é, em Inglaterra, relativamente insignificante e que o formidável excesso de mulheres é constituído principalmente de solteironas e

de velhas... já sem saída possível, ás quaes há á Jescontar as que são viúvas.

De facto — continuou ela implacavelmente — segundo o recenseamento inglês de 1911 existiam 480 varões para 520 fêmeas entre os 15 e 35 anos; o excesso total (sem diferenças de idade) entre mulheres solteiras e homens «em disponibilidade» orçava por 10.125.000 n'uma população de 45.000.000, notando-se que entre aquelas se incluíam 610.000 mulheres com mais de 40

anos — retificou a loira «miss» com deliciosa ingenuidade.

Desenvolvendo os seus calculos que reproduzimos em resumo, as leitoras da «Ilustração Portuguesa» caem provavelmente de surpresa em surpresa.

Por exemplo: a gentilissima congressista reconheceu que, sob o ponto de vista das «esperanças matrimoniaes» as damas inglezas — e ela é ingleza! — não devem lamentar-se; mas já não succede assim ao encarar-se a questão sob outro aspecto.

De facto, principalmente nas «classes medias», agrava-se em Inglaterra a situação das mulheres, porque os homens casam geralmente tarde, diminuindo por consequencia a natalidade.

Deixando, porém, em paz os calculos da loira «miss» e voltando a outros trabalhos do Congresso de Roma, constatamos gostosamente que varias oradoras procuraram provar que a «mulher superflua» existe ordinariamente nas cidades e entre a classe das «senhoras», que tem creada para o seu serviço domestico e desfrutam renda propria, não disputando qualquer emprego. Uma congressista alegou, e bem, que a industria das

As feministas querem sair d'esta tremenda difficulda-de, attribuindo a cada mulher a capacidade de por si só ganhar a vida; mas tal solução traria obstaculos á maternidade. Depois — é preciso lembrar — o industrialismo atraiu a mulher para as fabricas, officinas, laboratorios, professorado, commercio, etc.; mas em toda a parte a mulher seutiu, como unidade industrial, a sua inferioridade em confronto com o homem.

Mas então, se assim é, que utilidade adquiriu a mulher com taes conquistas... se para ela diminuiu a possibilidade de se casar?

A resposta é esta: diminuiu tal possibilidade, porque habituada a desprezar os trabalhos domesticos, não pôde sujeitar-se sem quasi invencivel relutancia a eles, que não julga adaptados á sua educação ou á sua «missão!»

E concluiu, por nós, uma distinta oradora que não teve papas na lingua: «no estado em que as coisas hoje se encontram a «mulher superflua» existe, porque não é capaz de occupar o logar que lhe está reservado. Criam-se professoras, datilografas e empregadas; e do que ha necessidade é... de esposas, mães e donas de casa!»



Vista da praça de S. Pedro de Roma que as congressistas visitaram

«pensões» e dos «quartos para arrendar» (parece remoque a Roma, onde esta industria floresce até ao ponto de se dizer que só não arrenda quarto ou dá pensão o Rei e o Papa!) exerce desgraçada influencia sobre a possibilidade de casamento de numerosas raparigas solteiras. O homem graças áquella industria, encontra o «ambiente domestico», que ambicionou pelo casamento, sem os terribes encargos de familia e... acomoda-se.

Dissertando sobre o mesmo tema, outra congressista sustentou com singular independencia de criterio, que a relutancia dos homens perante o casamento era derivada, em grande parte, do seu justificado receio em assumir os pesados encargos de familia.

Em verdade — afirmou a audaciosa congressista — muitas raparigas de «boa familia» constituem quasi um «luxo» a que o homem só pode dar-se quando é rico. Ora, as mulheres devem tornar o casamento «economicamente possivel para o homem; de contrario, o homem preferirá ficar solteiro!

Segundo n'esta orientação racional, uma joven congressista, dos paizes do norte, foi mais longe; poz o problema sem reticencias: a mulher deve escolhe o celibato (sic) e o serviço domestico.

Plenamente d'acordo... Na verdade ha lá coisa mais estranha, por exemplo, do que uma «mulher-padre!»

Não se riam, amaveis leitoras da «Ilustração». No congresso feminista de Roma appareceu esta originalidade: — a «mulher-padre!» — Chama-se a reverenda, «miss Shaw», ingleza por nascimento, mas naturalisada cidadã de New-York, doutora em teologia e «padre metodista» desde 1865, ano em que tomou ordens sacras. E' tambem medica e arauto do movimento feminista internacional.

Como «pastora» d'uma das principais parochias de New-York (assegura «miss» Shaw) celebrou muitos casamentos, que poucos divorcizaram. E' este talvez um dos milagres da sua austera vida sacerdotal.

Como feminista, a «mulher-padre» emitiu o parecer de que «a mulher e o homem devem trabalhar juntos na vida publica e particular».

Este artigo tem de terminar, embora o assunto não se tivesse ainda exgotado.

Eis o que produziu a nossa reportage...

Os teatros de Lisboa no verão



Os artistas que fazem parte da Companhia do Politeama:

1. Atriz Irene Gomes—2. ator Antonio Gomes—3. Atriz Cremilda d'Oliveira—4. Emprezario Luiz Pereira—5. Atriz Isaura Ferrelra.—6. Cabeleireiro Vitor Manuel—7. Costumier Castelo Branco—8. Atriz Carmen Osorio—9. Atriz Alice Figueira—10. Emilia Berardi—11. Atriz Beatriz Pereira—12. Atriz Encarnação Fernandes—13. Atriz Gerarda Viana—14. Atriz Alexandrina Quadrio—15. Atriz Emilia Neves—16. Atriz Hortencia Santos—17. Atoz João Silva—18. Atoz Jorge Gentil—19. Cenografo Luiz Salvador—20. Maestro Tomaz de Lima—21. Atoz Pinto Ramos—22. Atoz Sales Ribeiro—23. Atoz Jorge Grave—24. Atoz Gil Ferreira—25. Atoz Matias d'Almeida—26. Atoz Augusto Costa—27. Atoz Holbeche Bastos—28. Atoz Silva Sanchez.

O Teatro Politeama inaugura a sua epoca de verão com uma revista por sessões, «Truços e Trocas», de Eduardo Coelho, musicada por Filipe Duarte e Calderon. O ativo emprezario sr. Luiz Pereira encarregou os conceituados artistas srs.

Luiz Salvador, Castelo Branco e Vitor Manuel de dar a peça o maior esplendor. O distinto ator Antonio Gomes tem a seu cargo a encenação, sendo a distinta atriz Cremilda d'Oliveira a primeira figura da companhia.

anos—retificou a loira «miss» com deliciosa ingenuidade.

Desenvolvendo os seus calculos que reproduzimos em resumo, as leitoras da «Ilustração Portuguesa» caem provavelmente de surpresa em surpresa.

Por exemplo: a gentilissima congressista reconheceu que, sob o ponto de vista das «esperanças matrimoniaes» as damas inglezas—e ela é ingleza!—não devem lamentar-se; mas já não sucede assim ao encarar-se a questão sob outro aspeto.

De facto, principalmente nas «classes medias», agrava-se em Inglaterra a situação das mulheres, porque os homens casam geralmente tarde, diminuindo por consequencia a natalidade.

Deixando, porém, em paz os calculos da loira «miss» e voltando a outros trabalhos do Congresso de Roma, constatamos gostosamente que varias oradoras procuraram provar que a «mulher superflua» existe ordinariamente nas cidades e entre a classe das «senhoras», que tem creada para o seu serviço domestico e desfrutam renda propria, não disputando qualquer emprego. Uma congressista alegou, e bem, que a industria das

As feministas querem sair d'esta tremenda dificuldade, attribuindo a cada mulher a capacidade de por si só ganhar a vida; mas tal solução traria obstaculos á maternidade. Depois—é preciso lembrar—o industrialismo atraiu a mulher para as fabricas, officinas, laboratorios, professorado, commercio, etc.; mas em toda a parte a mulher seutiu, como unidade industrial, a sua inferioridade em confronto com o homem.

Mas então, se assim é, que utilidade adquiriu a mulher com taes conquistas... se para ela diminuiu a possibilidade de se casar?

A resposta é esta: diminuiu tal possibilidade, porque habituada a desprezar os trabalhos domesticos, não pôde sujeitar-se sem quasi invencivel relutancia a eles, que não julga adaptados á sua educação ou á sua «missão!»

E concluiu, por nós, uma distinta oradora que não teve papas na lingua: «no estado em que as coisas hoje se encontram a «mulher superflua» existe, porque não é capaz de occupar o logar que lhe está reservado. Criam-se professoras, datilografas e empregadas; e do que ha necessidade é... de esposas, mães e donas de casa!»



Vista da praça de S. Pedro de Roma que as congressistas visitaram

«pensões» e dos «quartos para arrendar» (parece remoque a Roma, onde esta industria floresce até ao ponto de se dizer que só não arrenda quarto ou dá pensão o Rei e o Papa!) exerce desgraçada influencia sobre a possibilidade de casamento de numerosas raparigas solteiras. O homem graças áquella industria, encontra o «ambiente domestico», que ambicionou pelo casamento, sem os terriveis encargos de familia e... acomoda-se.

Dissertando sobre o mesmo tema, outra congressista sustentou com singular independencia de criterio, que a relutancia dos homens perante o casamento era derivada, em grande parte, do seu justificado receio em assumir os pesados encargos de familia.

Em verdade—afirmou a audaciosa congressista—muitas raparigas de «boa familia» constituem quasi um «luxo» a que o homem só pode dar-se quando é rico. Ora, as mulheres devem tornar o casamento economicamente possivel para o homem; de contrario, o homem preferirá ficar solteiro!

Seguindo n'esta orientação racional, uma joven congressista, dos paizes do norte, foi mais longe; poz o problema sem reticencias: a mulher deve escolher o celibato (sic) e o serviço domestico.

Plenamente d'acordo... Na verdade ha lá coisa mais estranha, por exemplo, do que uma «mulher-padre!»

Não se riam, amaveis leitoras da «Ilustração». No congresso feminista de Roma appareceu esta originalidade:—a «mulher-padre!»—Chama-se a reverenda, «miss Shaw», ingleza por nascimento, mas naturalisada cidadã de New-York, doutora em teologia e «padre metodista» desde 1865, ano em que tomou ordens sacras. E' tambem medica e arauto do movimento feminista internacional.

Como «pastora» d'uma das principaes parochias de New-York (assegura «miss» Shaw) celebrou muitos casamentos, que poucos divorcios produziram. E' este talvez um dos milagres da sua austera vida sacerdotal.

Como feminista, a «mulher-padre» emitiu o parecer de que «a mulher e o homem devem trabalhar juntos na vida publica e particular».

Este artigo tem de terminar, embora o assunto não se tivesse ainda exgotado.

Eis o que produziu a nossa reportage...

Os teatros de Lisboa no verão



Os artistas que fazem parte da Companhia do Politeama:

1. Atriz Irene Gomes—2. ator Antonio Gomes—3. Atriz Cremilda d'Oliveira—4. Emprezario Luiz Pereira—5. Atriz Isaura Ferreira—6. Cabelheiro Vitor Manuel—7. Costumier Castelo Branco—8. Atriz Carmen Osorio—9. Atriz Alice Figueira—10. Emilia Berardi—11. Atriz Beatriz Pereira—12. Atriz Encarnação Fernandes—13. Atriz Gerarda Viana—14. Atriz Alexandrina Quadrio—15. Atriz Emilia Neves—16. Atriz Hortencia Santos—17. Ator João Silva—18. Ator Jorge Gentil—19. Cenografato Luiz Salvador—20. Maestro Tomaz de Lima—21. Ator Pinto Ramos—22. Ator Sales Ribeiro—23. Ator Jorge Grave—24. Ator Gil Ferreira—25. Ator Matias d'Almeida—26. Ator Augusto Costa—27. Ator Heloíbe Bastos—28. Ator Silva Sanchez.

O Teatro Politeama inaugura a sua época de verão com uma revista por sessões, «Tracés e Troças», de Eduardo Coelho, musicada por Filipe Duarte e Calderon. O ativo emprezario sr. Luiz Pereira encarregou os conceituados artistas srs.

Luiz Salvador, Castelo Branco e Vitor Manuel de dar a peça o maior esplendor. O distinto ator Antonio Gomes tem a seu cargo a encenação, sendo a distinta atriz Cremilda d'Oliveira a primeira figura da companhia.

O culto da arvore



Tem continuado por todo o paiz as festas da arvore com um grande exito sendo até mesmo o pretexto para comissões locais fazerem festejos que servem para atrair a esses logares fcasteiros, contribuindo assim para o seu desenvolvimento.

No Entroncamento fizeram-se essas festas com grande pompa, tomando parte n'elas diversas coletividades, personagens officias e as creanças das escolas que entusiasticamente fizeram a plantação de diversas arvores.

Foi realmente um ato que chamou áquele logar muita gente dos arrabaldes e de outros pontos.

Em Amareis tambem se fez a festa da arvore. Na pitoresca vila reuniram-se muitas coletividades das terras visinhas. Foram feitas alocações patrioticas e educativas ás creanças mostrando-se-lhes como se deve amar as arvores e ter um verdadeiro culto por essas amigas dos homens que lhes dão a sombra, o fruto e são a materia prima da habitação.

Os professores, militares, autoridades civis e muita gente que acorrera dos logares visinhos viu a fórma satisfeita porque os pequenos fizeram a plantação da arvore recebendo a lição moral e civica que já-mais lhes esquecerá.



A festa no Entroncamento: 1. A menina Dilia S. Santos e Eurico de Souza Santos, que entraram n'uma comedia no teatro infantil. 2. Grupo d'alunos da escola Camões que recitaram poesias. 3. A menina Cesaltina Nunes da Silva e o menino Eurico de Souza Santos n'uma pequena comedia. 4. Sr. Eduardo Coelho que fez a preleção na festa do Entroncamento. Em Amareis: 5. A festa da arvore. 6. Depois da festa da arvore («Clíchés do distinto fotografo amator sr. Alves de Matos)

A REPUBLICA DE CUBA

Depois da vida agitada de lutas em busca de uma independência que ambicionava n'um louco entusiasmo, Cuba, a formosa e fértil, começou outra luta.

Essa, porém, foi a do seu engrandecimento financeiro, da sua cultura, do seu desenvolvimento, que tem sido enormes.

Os cubanos deitaram-se ao trabalho com amor e afinho e hoje sob a presidência do general Mario Gomez Monecal, a nação prospera, vive, labuta e vence.

O comércio em toda a ilha de Cuba é prospero, mas a indústria, á exceção da do tabaco, está atrazada. A cultura e preparo do tabaco dão que fazer a milhares de braços, são mesmo a principal riqueza que existe n'esse paiz mas em tão florescente progresso que bastam para a vida nacional.

Outra indústria, muito desenvolvida em Cuba, é a da cerveja. Existe uma fabrica «A Tropical» que manipula anualmente setenta e oito milhões de garrafas. Ha tambem fabricas de doces e chocolates com um largo consumo.

A agricultura, além do cultivo do tabaco; faz o da cana. Trata-se porém da plantação da v'inha e isso deve dar largos resultados como já começam a dar o cacau e o café de otima qualidade.

Borracha não existe na ilha; côco é pouco, quina e baunilha são desconhecidas, e os vegetaes á exceção da batata, não chegam para o consumo da população da decima parte da ilha.

Começa, porém, mercê da secretaria da agricultura, que o general sr. Emilio Nuñez dirige, uma obra de fomento que deve ser utilissima sobretudo pela criação das granjas regionaes.



São cento e noventa os portugueses que residem em Havana, a capital da ilha, sendo alguns proprietarios, empregados do Banco de Cuba e um d'eles agente de seguros. Entre esses portugueses estão alguns amistiados politicos que para ali foram tentar re-fazer a sua vida.



1. O Presid'nte da Republica, general Mario G. Monecal. 2. O casino hespanhol de Havana. 3. O Senado da Republica que fica ao lado esquerdo do palacio da presidencia.



A atual direção do Casino Hespagnol em Havana, no dia em que foi entregue a sua medalha comemorativa à sr.^a ministra de Hespanha pelo sr. D. Secundino Baños: 1. Sr. D. Ramon Armada Tejero, jornalista e secretario contador do casino; 2. Sr. D. Secundino Baños, presidente e advogado; 3. Esposa do sr. ministro de Hespanha; 4. Sr. D. Mariano Faucadella, comerciante; 5. Sr. D. Jesus Maria Trillo, proprietario e capitalista; 6. Sr. D. José Fernandez Fuentes, advogado; 7. Sr.

Quasi todos moram no campo, no arrabalde, em comarcas pertencentes à capital da provincia que tem quinhentos e oitenta e oito mil oitocentos e oitenta e seis habitantes.

A colonia hespanhola é realmente importantissima em Havana e basta vêr a fachada e os interiores dos edificios da sua associação e do seu casino para se notar a alta importancia que ali gosam os filhos do paiz visinho. Ali estão filiados os mais ricos e distintos hespanhoes que celebram por vezes festas encantadoras



A Associação dos Empregados no Comercio na qual tem ingresso todas as profissões.

D. Juan F. Fuentes, comerciante; 8. Sr. D. Bernardo Soliz, comerciante; 9. Sr. Belisario Alvarez, comerciante; 10. Sr. D. Manuel Ricc, comerciante; 11. Sr. D. Maximo Fernandez, comerciante; 12. Sr. D. Ramon Lopez, comerciante; 13. Sr. D. Juan Pomariega, comerciante e banqueiro; 14. Sr. ministro de Hespanha; 15. Sr. D. Ramon Crusellas, comerciante; 16. Sr. conde de Sagunto, capitalista; 17. Sr. D. Baldomero Chlco, comerciante; 18. Sr. D. Juan P. Menezes, comerciante.

O chefe de Estado atualmente é o general sr. Menecal que gosa d'uma enorme simpatia assim como sua caridosa esposa a sr.^a D. Mariana Menecal e sua gentilissima filha sr.^a D. Georgina Menecal. O presidente da Republica foi um verdadeiro



Po-Villas del. D^o de 16 M^o Habana-25

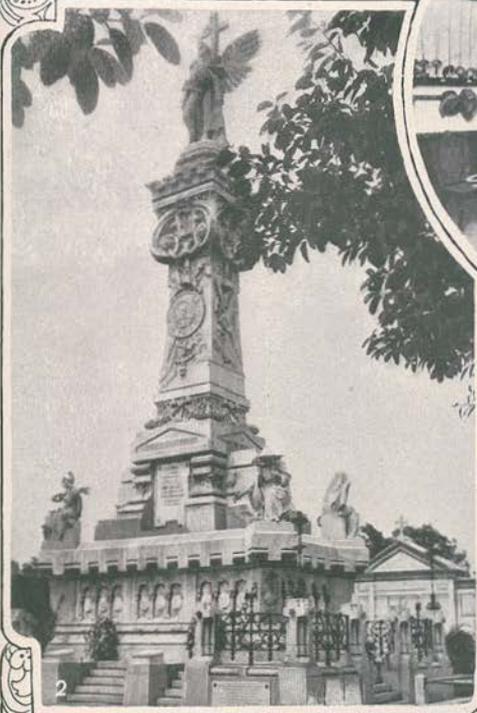
Entrada principal do Casino Hespagnol de Havana.

para as quaes não deixa de ser convidada a mais alta magistratura do paiz. ra de desbaratar os hespanhoes e dar a Cuba a liberdade. Ganhou hora a hora, no perigo dos comba-

tes, os seus galões. Quando a guerra acabou foi nomeado sob a administração americana, o primeiro chefe da policia municipal da Havana que organizou maravilhosamente com soldados e officiaes do exercito libertador. Depois recolheu-se aos seus campos vas-



1. N'uma sessão d'esgrima no Club Hespanhol.
1. Monumento erigido no cemiterio de Colon ás vítimas d'um grande incendio.



conservador o propoz para presidente da Republica, mas não foi eleito, indo então para os Estados-Unidos. Em 1912 foi livremente eleito 3.º presidente da Republica de Cuba e a sua ação tem se feito sentir muito eficazmente. Para os portuguezes ali residentes tem sido d'uma grande amizade conforme o expressa o nosso compatriota sr. José Neves que vive na Havana e ao qual devemos a publicação das gravuras e



3. salão de festas e de baile do Club Hespanhol: O banquete all realisado no dia em que se Inaugurou.

tissimos a lidar pela vida, a fazer um modelo das suas quintas e herdades até que em 1908 o partido

das informações que teve a amabilidade de nos enviar acerca d'aquêle belo e florescente paiz.

As festas da cidade em Santarem



Santarem fez a sua festa com um grande brilhantismo. A cidade engalanou-se; os forasteiros acorreram; havia uma curiosidade enorme pela festa em toda a gente que ali foi gosar uns dias alegres, n'uma das mais lindas cidades de Portugal, n'um começo formoso da primavera. O programa era cheio de atractivos deveras interessantes com a sua parada agricola, a cor-



1. Parada agricola: Carro das alfaias agricolas da Estação Zootechnica Nacional da Fonte Boa. — 2. A maquina viadora da estação da Fonte Boa. — 3. Durante a parada agricola: A assistencia no pavilhão entre a qual se encontra o sr. ministro do fomenio.

rida de touros. a batalha das flôres e outros divertimentos.

A' parada agricola enviaram os lavradores da região os seus melhores exemplares de gado, carros e alfaias.



Houve também batalha de flores, na qual apareceram carros lindamente ornamentados, concurso de pirotécnicos, iluminações, festivas no jardim da Republica, sendo brilhantissimo o cortejo civico e concorridissimas todas as diversões especialmente a tourada.



Quando o gado era conduzido para a praça um dos touros fugiu causando um grande panico, obrigando varias pessoas a fugir e mesmo a treparem pelas arvores e estripando uma egua que era montada por um criado do lavrador sr. Paulino.



1. A entrada dos touros para a praça. 2. O sr. ministro da guerra e a comissão local diante do projeto de monumento ao general Sá da Bandeira. 3. A avançada do cortejo civico.



1. Aspêto da batalha de fiores.

no da Cunha e Silva. No concurso de carros ornamentados o publico p.otes ou contra a classificaçao de um d'elles, destruindo-o, sendo o primeiro premio concedido ao que representava um lindo «chalet» de canas, em cujas janelas se viam formosas senhoras da cidade.



2. O carro que obteve o primeiro premio na batalha de fiores.
3. Outro aspêto da batalha das fiores.



A condução do gado para a praça: A' direita um dos touros que fugiu perseguindo algumas pessoas e matando uma muiar na sua desenfreada carreira.

(«Clíchés» A. Garcez)

O CONCURSO HIPICO



No concurso hipico, cujas provas foram das mais brilhantes ultimamente realizadas, distinguiram-se alguns cavaleiros de reputação feita e ainda outros que prestaram agora as suas primeiras provas.

O capitão sr. Jara de Carvalho, ganhou a prova «Omnium», o tenente sr. Henrique Constancio a prova «Nacional» e os capitães srs. Lusignan, Antonio Calheiros e o tenente sr. Pereira Coutinho a prova «d'equipes». A's provas d'amazons concorreu apenas a sr.^{ta} D. Maria do Carmo Reis que fez percursos por quatro vezes demonstrando a sua pericia. Nos saltos por tres distinguiram-se varios officiaes, cabendo o premio aos srs. Jara, Silveira Ramos e José Alverca.

O grande premio de Lisboa



foi tambem disputadissimo, sendo a vitoria do sr. Lusignan que mais uma vez confirmou as suas execçoes qualidades d'equitador. D. Pedro de Goryoaga, o cavaleiro hespanhol que veio disputar o concurso, ganhou a prova de saltos em altura sendo muito ovacionado assim como o vencedor do grande premio.



1. 2. e 3. Trechos da assistencia elegante.—4. O capitão sr. Lusignan d'Azevedo que ganhou varios premios.—5. Sr.^{ta} D. Maria Reis, a amazona que ganhou o premio.—6. O cavaleiro hespanhol, sr. Goryoaga.

(«Clchés» de Benolle).

FIGURAS E FACTOS

Augusto de Benedetti é uma verdadeira gloria da litteratura e da pedagogia italianas. O seu nome é respeitado em todos os meios litterarios e a sua bella obra vae tendo uma larga divulgação, mesmo entre nós que infelizmente, ás vezes, somos os ultimos a conhecer os trabalhos dos grandes mestres. O seu formoso livro, «Arte de estudar», publicado pela casa Aillaud, foi traduzido pelo distinto advogado e homem



de letras, sr. dr. Augusto de Brito, que poz n'essa tradução todo o seu talento e primores de uma linguagem tersa e elegante, já tão apreciada em outros escritos e de que em breve teremos mais uma brilhante prova n'um interessante romance em

via de conclusão. A «Ilustração Portuguesa» folga em prestar homenagem aos dois distintos litteratos que vincularam os seus nomes á «Arte de estudar.»



1. Sr. dr. Augusto de Brito. 2. Sr. Augusto Benedetti. 3. A visita dos professores primarios do conselho de Gouveia ás instalações do «Seculo», onde tiveram o mais afeituoso acolhimento da parte do pessoal e sendo acompanhados pelo engenheiro sr. Sá Carneiro.

O sr. Augusto Dias Cura, chefe dos serviços de embarque e desembarque da Empresa Nacional de Navegação, foi vitima do desvairamento de um ex-carregador que, tendo sido um dos agitadores da greve dos trabalhadores dos caes, desejava agora ser reintegrado no seu logar.



4. O sr. Augusto Dias Cura. 5. O enterro do commandante Cura da Empresa Nacional, que foi assassinado pelo ex-carregador Antonio Alcochetano—(«Cilchès» Benollet)



Como attribuisse ao sr. Cura a sua situação assassinou-o a tiros de pistola.

O funeral da vitima constituiu uma grande e sentida manifestação tendo-se feito representar o governo.



1. Na distribuição de premios ás creanças protegidas pelo Dispensario de Santa Izabel. 2. Na festa anual do Instituto Profissional do Exército: o chefe d'Estado e a continencia dos pequenitos



3. O 3.º ato da opereta «Emfim sósi» de Franz Lear, que se representou no teatro da Trindade, pintado pelo distinto cenógrafo José Mergulhão. Consta d'um vestibulo de hotel, na Suissa, com pintura decorativa, figuras, «vitraux» e Jardim, tendo como fundo uma palzagem com escaradadas montanhas cobertas de neve. 4. O patriarca de Lisboa sr. D. Aníbal Mendes Belo recentemente nomeado cardeal. 5. O novo ministro dos estrangeiros sr. Freire d'Andrade com o sr. dr. Bernardino Machado, presidente do conselho.



6. Os operarios das fabricas de moagens no Terreiro do Paço onde foram sollicitar do governo a importação do trigo. («Glicés» de Benollet)



A esposa do sr. governador civil, do Funchal, sr. D. Hortencia Borges e o governador civil substituto sr. dr. Remigio Barreto.

A recepção do novo governador civil do Funchal foi revestida d'uma grande imponencia tendo comparecido no caes a receberem o sr. dr. Vasco Borges e sua esposa, além do deputado sr. visconde da Ribeira Brava, o presidente da junta geral, autoridades militares e civis e grande concurso de povo.

O sr. dr. Vasco Borges, que aceitou a chefia civil da Madeira, é um distinto advogado que nos auditorios de Lisboa soube afirmar todo o seu talento e que certamente saberá cumprir no seu novo cargo todas as pe-

sadas exigencias que ele impõe. Também no seu discurso o novo governador civil o demonstrou, sendo de seguida cumprimentado por todas as pessoas presentes assim como sua esposa que durante a sua residencia no Funchal hade reunir nas suas salas as mais gradas e illustres familias madeirenses.

O novo governador civil vae fazer um inquerito ás mais urgentes necessidades da ilha a fim de as remediar d'acordo com o junta geral que tem ali prestado relevantes serviços.



O novo governador civil do Funchal sr. dr. Vasco Borges acompanhado pelo sr. Simões Soares presidente da junta geral e o sr. Ribeira Brava.



3



4

Inauguraram-se os desportos de Bemfica n'um magnifico recinto, tendo assistido á cerimonia o chefe d'Estado, sendo feitos exercicios de patinagem e havendo um desafio



5

d'e «scot-ball» que foi ganho pelo Club de Sport Lisboa e Bemfica contra um «team» mixto. O sr. dr. Manuel d'Ariaga foi muito festejado tendo-lhe as senhoras lançado muitas flores.

3. 4. e 5. Na Inauguração dos desportos de Bemfica.

(«Clichés» Benolle).



TEATRO



Rosario Pino—Teatro da Republica

Concluíram no Teatro da Republica as recitas de Rosario Pino. A adoravel atriz malagueña despediu-se do publico de Lisboa e vimol-a, no fim d'essa despedida, descido o pano, presa de uma comoção nervosa que a não deixava falar, que lhe abalava o peito de soluços, que a atirou, apiquilada, palida de morte, para cima de uma cadeira de cena, sem forças para chegar ao camarim. Momentos antes, no palco, a sua voz de oiro promettia representar, ainda uma ultima vez, em Lisboa.

panhol: a «Malvaloca», já conhecida, dos Quintero e a «Malquerida», a ultima obra de Jacinto Benavente.

Ha n'essas duas peças arte, da mais nobre — e ha tambem raça, sangue e ceu de Hespanha, sol meridional, vida e côr. Essas duas obras são, só por si, a prova da vitalidade e da grandeza do teatro hespanhol de hoje. Rosario Pino, revelando uma e repetindo outra, foi, mais uma vez, em Portugal, como o vae ser agora na America, a embaixatriz insigne da arte da sua terra, que tanto lhe deve.



A illustre atriz Rosario Pino e a sua companhia.

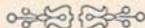
(«Clichê» Benolle).

Uma ultima vez! Rosario Pino não é uma atriz que deixe apenas recordações: deixa saudades. Durante muito tempo, n'aquelle lindo Teatro da Republica, vibrará, como o bater de azas de uma andorinha, o ritmo enternecido e ardente das suas ultimas palavras na peça dos Quintero — palavras de paixão, palavras de dôr, palavras de carinho. Rosario Pino voltará a representar ainda uma vez, pelo menos, n'esta Lisboa que ela ama com um carinho expansivo e andaluz...

D'esta sua rapida passagem, além da afirmação, sempre intensa, do seu talento, deixou-nos R. Pino duas grandes manifestações do teatro moderno hes-

panhol: a deliciosa interprete d'«As Flôres» quiz ligar tambem o seu nome a uma flor da literatura portugueza e escolheu as «Rosas de todo o ano», de Julio Dantas para o encanto da sua linda colaboração. Em duas noites successivas, o publico de Lisboa teve o ensejo de ouvir, coadas pela sua alma enternecida e pela sua boca musical, as confidencias dolorosas de «Sior Inês.» E, agora, as belas, as suaves e tristes «Rosas», em que Julio Dantas poz a emoção do seu melhor lirismo de dramaturgo, florirão, de terra em terra, nos olhos e na voz da sedutora atriz.

A. DE C.



LEIAM COM ATENÇÃO

CINTO ELETRO-MEDICAL

Aplicação das Baterias do Dr. Richardson

O melhor purificador do sangue e regulador do fígado



Se desejais ter o sangue puro, saúde e vigor, se sofreis de qualquer das doenças que enumeramos, applicai immediatamente este maravilhoso aparelho e vós bem-direis a hora em que o adquiristes.

O Cinto Eletro-Medical (aplicação das baterias do Dr. Richardson) é o remédio mais seguro, o melhor e o mais activo para a cura de todas as doenças provenientes da impureza do sangue, tais como Dispepsia, Icterícia, Nauseas, Excesso de bilis, Hemorroidas, Desintéria, Nervoso, Debilidade, Catarro, Impingens, Enxaqueca, Reumatismo, Nevralgia, Dôres agudas, Fraqueza do Estomago, Impotencia, Doença dos rins, Doença das senhoras, Esterilidade, Atordoamentos, Vertigens, Anemia, Hidropisia, Doenças do coração, Doenças da espinha dorsal, Paralisia e Febres, assim como toda a especie de fraqueza nas senhoras.

O SANGUE É A VIDA. Se o sangue é puro, o corpo é são; se o sangue é impuro, o fígado não funciona, os rins não trabalham, os pulmões não funcionam bem, o coração bate fracamente, do que resultam dôres de cabeça, acompanhadas de atordoamentos; o estomago não funciona bem, do que resulta uma má digestão e a dispepsia acompanhada de toda uma serie de outras doenças. **TUDO ISTO PROVEM D'UM SANGUE VICIADO, pobre, espesso, não podendo circular activamente.**

Lembraí-vos de que toda a doença nasce da impureza do sangue. Para curar qualquer doença é necessario purificar o sangue. Então, todo o corpo fica completamente são e a doença desaparece.

A ciencia demonstrou recentemente que quando o sangue está impuro, fermenta, e que a fermentação que se produz no sangue origina todas as doenças conhecidas no homem. Ora o **CINTO ELETRO-MEDICAL**, por injeção galvanica através dos póros da pele, dá ao sangue a electricidade necessaria para a sua purificação completa. Age directamente sobre o fígado, sobre os rins e sobre o sangue, expulsando do sistema as raizes e os germens da doença, dando portanto a saúde perdida.

É um remédio infalivel para **TODAS** as doenças provenientes da impureza do sangue. O seu preço é reduzidissimo e dura toda a vida do homem.

Se estais doente, não vos demoreis em adquirir este maravilhoso aparelho. Escrevei immediatamente ao **único concessionario para Portugal e colonias**

N. Ferreira da Fonseca

R. da Madalena, 91, 3.º, LISBOA

TELEFONE 3:884

O branco pavilhão do dia

E' preciso render culto á sabedoria

Hoje, a dôr é sómente um hino de gloria; estamos no nimbo d'um mundo melhor

Oh! misterio, oh! leis inexoraveis da natureza, que puzeram primores em homens laboriosos e inteligentes e virtudes maravilhosas emervas silvestres!

Oh! milagre eternamente repetido do minúsculo que perdura, e do grande que morre! E' incalculavel a energia que desenvolvem estas hervas ante a extenuação completa dos moribundos, no momento de maior perigo para a vida do doente.

Muitos exemplos poderíamos oferecer em cômprovação d'esta verdade, já que a propria experiencia de felizes pacientes pôde apresentar-se ao alcance de toda a gente. Mas vamos descrever uns poucos de casos, por falta de espaço, pela mesma mão dos doentes.

E' difficil imaginar uma situação mais terrivel do que a d'esses pobres doentes, tendo em conta o risco que as suas vidas corria.

A situação não podia ser mais vergosa.

Mas apelaram para o tratamento do Dr. Trillot, o que lhes proporcionou a calma e os encaminhou para a completa cura. Estes factos merecem occupar lugar em evidencia.

Desde que se ponderem os avanços das ciencias n'estes ultimos tempos, ha fundados motivos para presumir que, como vulgarmente se diz, não sabemos ainda da missa a metade, e que no dia menos pensado vae qualquer inventor deixar-nos, de repente, pouco menos que convertidos, de puro pasmus, em estatuas de marmore.

Mas não valem ironias n'este ponto, nem ninguém tome á conta de brincadeira o que fica dito, pois ainda falta vêr mais do que já vimos, e tempo ha de chegar, de plenitude para as ciencias experimentaes, em que as condições economicas da sociedade se alterem em consequencia d'esse ainda não suspeitado invento, tão profundamente como a abertura do canal de Suez e os progressos da navegação alteraram, com vantagem para todos, as relações mercantes entre as cinco partes do mundo.

Um novo tratamento, que tem condições de vitalidade mais que suficientes, veiu a intensificar a expectação do mundo scientifico, sempre ansioso de novidades, cujo refrigerio só rejuvenesce o secular organismo da humanidade.

Se meio seculo atraz, quando a telegrafia rompeu a reclusão em que a conservavam os gabinetes de fisica para se incorporar á vida social e frequentar o diario trato dos humildes, houvesse insinuado algum futurista a possibilidade de estabelecer a comunicação telegraphica sem necessidade de arames condutores, com certeza que não bastára uma camisa de forças para castigar a estúpida loucura de quem vaticinasse semelhante despropósito. Por certo que sempre succedeu o mesmo aos sábios e aos inventores geniaes, aos homens que por verem com olhos do espirito tudo quanto o vulgo gregario não adrega de vêr com os do corpo, lhes chama a ignorancia loucos, sonhadores, mentecaptos ou iludidos.

As vozes da fama apregoam por todos os cantos do mundo o nome do doutor TRILLOT, apesar do seu laborioso trabalho ser exoterico, calado e occulto; o seu nome é antoado nos rumores da popularidade, junto com o seu tratamento, descoberta feita por ele exclusivamente e cuja enorme transcendencia no futuro vislumbra clarividientemente, desde ha mais de trinta annos. Não se passarão muitos annos sem que

a fama do doutor TRILLOT eguale a de Edison e Marconi, pois se o primeiro d'estes perpetuou a voz humana nas placas phonograficas, como Daguerre havia perpetuado o semblante humano nas placas fotograficas, onde a luz retém a sombra; e se o segundo liquidou por inuteis as redes telegraphicas, tambem merece o doutor TRILLOT a admiração do mundo pelas suas curas, já compensadas pelo exito.

Não será este o invento mais transcendental de quantos até hoje constituem o despojo ou vitoria do espirito sobre a materia?

De certa povoação d'este mesmo paiz, nome de que não devo recordar-me, porque assim m'o pede o autor d'uma carta que acabo de receber, diz-me o meu

desconhecido correspondente que quer romper d'uma vez a incredulidade de algumas pessoas com respeito ao tratamento do doutor TRILLOT, obrigado a isso pelo agradecimento que lhe deve, pela cura do seu estranho e original caso.

Desde que n'este paiz se tornou conhecido o tratamento do mencionado doutor, não chega um unico correio sem nos trazer cartas de pessoas que, movidas pela gratidão, tornam publico o seu agradecimento.

O meu novo correspondente, a quem chamarei X., porque não me autorizou a publicar-lhe o nome, afasta tanto a sua doença das vulgares e correntes, que bem merece publicação especial n'estas chronicas, para satisfacção sua e saudavel aviso aos que sofram de alguma enfermidade incuravel.

O senhor X diz-me que tem oitenta e quatro annos e já estava farto de sofrer e seguir tratamentos; haviam-o já abandonado os medicos, para que

morresse em meio de espantosos sofrimentos e dôres moraes, mais terriveis ainda do que as dôres fisicas, longe de santos conselhos, de caridade cristã, nem de humana compaixão que atenuem os seus rigores.

O senhor X. propõe-se fazer desaparecer a ignorancia á egoista sociedade actual, onde tão pouco se praticam as doutrinas de Cristo, sem que a ciencia moderna encontre meios de minorar os seus estragos. E que escrevam ao doutor TRILLOT e estejam certos de que recuperarão a saude. Elle submeteu-se ás indicações d'este doutor e agora está curado.

Com estes factos á vista, é escusado dizer que os que sofrem não devem deixar de escrever ao doutor TRILLOT, hoje mesmo, pois estes factos ser-lhes-hão provados, sendo certo que o dito doutor nunca publica os certificados, nem menciona a cura, nem a doença de certas pessoas, quando para isso se não deu autorizacao.

O doutor TRILLOT enviará gratuitamente um tratamento e um livro intitulado «A minha descoberta», a todos os nossos leitores que cortem e lhe remetam o talão que aparece ao fundo d'esta pagina. Seja qual for a doença de que V. Ex.ª padeça, elle lhe mandará o tratamento, que não lhe custa nada; mas se o deseja pôde mandar-lhe uma estampilha, para despesas de correio.

O seu endereço é este: Doutor TRILLOT, Poste Centrale, 273, Paris, França.



Doutor Trillot

Nome.....
Morada.....
Doença.....

Direitamente da Suíssa
sederias

Schweizer

Peçam as amostras d'is nossas novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: Crêpe, Estampador, Duqueza, Châmez, Crêpes da China, Musselina suíssa desde 1 franco 1.25 o metro, em preto, branco e côr.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co, Lucerne E II (Suíssa)
Fornecimento de sedas.

Dr. Benguê, 47, Rue Blanche, Paris.



BAUME BENGUÊ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

Sabonete preparado
com os saes das Aguas



Mizella

o melhor para a pelle

TABACOS TIPOGRAFICOS - EN -
TODOS OS GENEROS
OFICINAS DA
ILUSTRACAO PORTUGUEZA
Rua do Senteiro, 43 - LISBOA

PEÇAM A ESTE HOMEM QUE LHES LEIA A VIDA.

O seu poder extraordinario de lêr as vidas humanas, seja a que distancia fór, assombra todos aqueles que lhe escrevem.

Milhares de pessoas, em todas as sendas da vida, têm tirado bom proveito dos conselhos d'este homem. Diz-lhes quaes os destinos que as suas capacidades lhes prometem e de que modo poderão atingir o bom exito desejado. Indica-lhes os amigos e os inimigos, e descreve os bons e os maus periodos de cada existencia. A descrição que faz do que diz respeito aos acontecimentos passados, presentes e futuros causar-lhes-ha espanto, e servir-lhes-ha de auxilio. Tudo quanto elle precisa para o guiar no seu trabalho limita-se a isto: o nome da pessoa descrito pela propria mão d'ella) a data do nascimento e a declaração do sexo.



E' escusado mandar dinheiro. Item o nome d'este jornal e obterão uma Leitura d'Ensaio gratuita. Se a pessoa que isto lêr quizer aproveitar este offerecimento especial e obter uma revista da sua vida, não em mais que enviar o seu nome, epellido, morada e a data do seu nascimento (dia, mez e anno, tudo bem claramente escrito e explicado), e quer-se) senhor, senhor, ou menina solteira, copiando tambem pela sua leira os versos seguintes:

São milhares os que nos dizem que daes conselhos sem par. Para atingir a ventura, Querel-me o caminho ensinar? A pessoa que escrever, se essa fór a sua vontade, pôde juntar ao pedido a quantia de 150 réis em estampilhas portuguezas (ou 50) réis em estampilhas brasileiras) para despesas de porte e de escritorio. Dirija a sua carta a Clay Burton Vance, Sulte 2008 R., Palais-Royal, Paris, França. As cartas para a França devem ser franqueadas com 50 réis, moeda por 100 (ou 20) réis moeda brasileiro).



Fabrica Palmeira

49 TELEFONE 17

SUCURSAL—Ver-o-peso

Telefone 526 Caixa Postal 206

A primeira do Norte do Brazil, mo tada com todos os aperfeicoamentos, satisfazendo as maiores exigencias nos artigos de seu ramo.

SECCOES DE
PADARIA, CONFEITARIA, BISCOUTARIA, TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ,
REFINAÇÃO MECANICA DE ASSUCAR, MANIPULAÇÃO DE CHOCOLATE, MOAGEM
DAS FARINHAS DE MILHO, ERVILHA, TRIGO, FEIJÃO, ARROZ ETC.;

Importante secção de Massas Alimenticias, onde se fabrica o afamado macarrão em pacotes, o unico que rivalisa com o Italiano, obtendo a medalha d'ouro na Exposição de Turim, em 1911. Fabrica-se tambem Bombons, Amendoas, Cacau-Leite em latas e sortimento completo de Biscoitos. Encontra-se a venda grande sortimento de cartonagem propria para presentes.

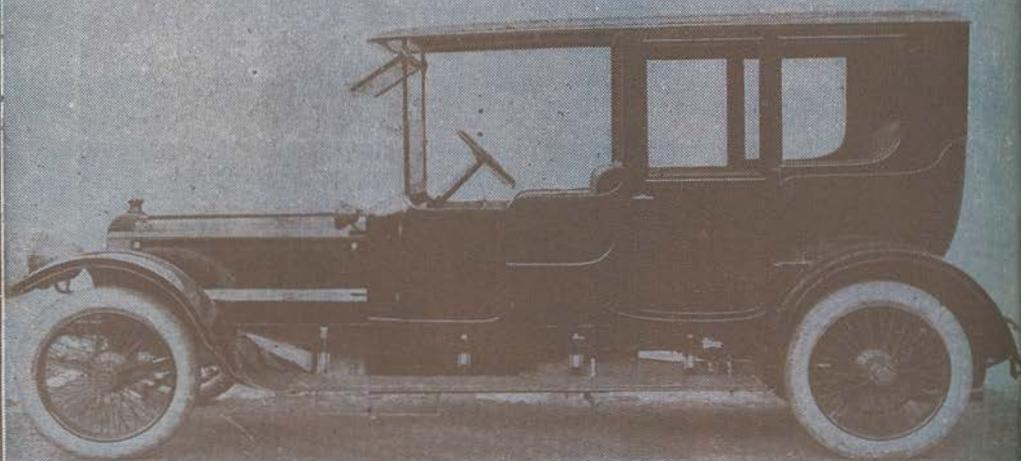
Rua Paes de Carvalho, n.º 6 a 16—PARÁ

"SALON" DE LONDRES, DE 1913

Automovel **DAIMLER** (Coventry)

DE

Sua Magestade a Rainha d'Inglaterra



EM

"GROS-PNEUS"

CONTINENTAL

880×135 EM JANTES DE 880×120

A VENDA EM TODAS AS GARAGES